

**A TRAJETÓRIA DA EDUCAÇÃO HUMANISTA: DO RENASCIMENTO  
AO RELATÓRIO DELORS**Osnilson Rodrigues Silva<sup>1</sup>Luiz Síveres<sup>2</sup>**RESUMO**

Este trabalho pretende verificar as transformações da Educação Humanista ao longo do tempo e os valores agregados a ela como uma extensão do Humanismo Clássico. Da formação plural que conecta o homem culto ao homem prático, característica da Educação Humanista clássica exemplificada pela pedagogia de François Rabelais (1992) para a exaltação da autonomia, do senso crítico e da autocrítica, perspectiva ressaltada por Kant (2012) como forma de superação da minoridade. Nos tempos atuais, o relatório Delors (1996) resgata valores do Humanismo renascentista e agrega o componente ético materializado respeitando a diversidade cultural, as diferentes civilizações e o diferente. Por meio da pesquisa bibliográfica serão demonstradas as transformações de uma Educação Humanista do Renascimento até a contemporaneidade. Esses valores não alteram a proposta do Humanismo original. Eles amplificam o sentido da Educação Humanista e o adaptam de acordo com a realidade atual. Reforçam a ideia de que há uma continuidade do projeto Humanista Renascentista aos tempos atuais e que este não serve apenas como inspiração, mas modela a formação integral do sujeito hoje.

**Palavras-chave:** Educação Humanista. Renascimento. Relatório Delors.

**THE TRAJECTORY OF HUMANIST EDUCATION: FROM THE  
RENAISSANCE TO THE DELORS REPORT****ABSTRACT**

This work intends to verify the transformations of Humanist Education over time and the values added to it as an extension of Classical Humanism. From the plural formation that connects the cultured man to the practical man, characteristic of classic Humanist Education exemplified by the pedagogy of François Rabelais (1992) to the exaltation of autonomy, critical sense and self-criticism, a perspective highlighted by Kant (2012) as a way of overcoming of minority. In current times, the Delor's report (1996) rescues values from Renaissance Humanism and adds the materialized ethical component respecting cultural diversity, different civilizations and what is different. Through bibliographical research, the transformations of a Humanist Education from the Renaissance to the present day will be demonstrated. These values do not alter the proposal of the original Humanism. They amplify the meaning of Humanist Education and adapt it according to current reality. They reinforce the idea that there is a continuity of the Renaissance Humanist project to the present times and that this does not only serve as inspiration but models the integral formation of the subject today.

**Keywords:** Humanist Education. Renaissance. Delor's report.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação, Universidade Católica de Brasília (UCB). E-mail: osnilson.rodrigues@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor, Universidade Católica de Brasília (UCB). E-mail: luiz.siveres@gmail.com

## **INTRODUÇÃO**

O Humanismo foi um movimento artístico, político, filosófico e pedagógico no Renascimento<sup>3</sup>. Caracterizado, principalmente, pela retomada dos valores gregos na arte, na filosofia e na formação humana. Essa formação rompe a visão de mundo fundamentada pelo conhecimento mítico e promove, no homem, a forma de conduzir a si pelas suas próprias regras de conduta.

A retomada dos clássicos da cultura grega também é destacada por Reale e Antiseri (2004, p. 5) a partir do “paciente trabalho de pesquisa de códices nas bibliotecas e de sua interpretação” e a valorização do “conhecimento da língua grega, considerada patrimônio espiritual essencial do homem culto.” Até o significado do termo Humanista aproxima-se daquilo que os gregos denominavam *Paideia*.

O termo Humanismo retrata a formação completa do homem. Compreende a formação espiritual e intelectual por meio das letras (poesia, retórica, a história e a filosofia) até os conhecimentos das artes e das técnicas.

Mesmo sendo objeto de debates teóricos atualmente, o Humanismo desenvolvido no Renascimento com ou sem caráter filosófico, em linhas gerais, consiste em um novo sentido do homem e de seus problemas expressos nas pinturas, nas literaturas e nas esculturas.

Para a formação desse homem será necessário um novo modelo de educação: a Educação Humanista. Um exemplo da Educação Humanista é a pedagogia de François Rabelais (1992) e a valorização da formação humana plural. Crítico da Educação Escolástica, o filósofo promove o ensino com reflexão e inteligência prática.

A Educação Humanista ao longo do tempo é transformada agregando novos valores em seu itinerário de formação. Verificar as transformações da Educação Humanista ao longo do tempo e os valores agregados a ela como uma extensão do Humanismo Clássico é o propósito deste trabalho. Da formação plural que conecta o homem culto ao homem prático, característica da Educação Humanista clássica para a exaltação da autonomia, do senso crítico e da autocrítica, perspectiva ressaltada por Kant (2012) como forma de superação da menoridade.

Nos tempos atuais, a formação do homem por meio da Educação Humanista agrega outro valor. O relatório da UNESCO “Educação um tesouro a descobrir” (1996) resgata valores

---

<sup>3</sup> Período histórico que marca o final da idade Média e o início da Idade Moderna, relacionado aos séculos XV e XVI.

do Humanismo renascentista e agrega um novo: o componente ético, ou seja, o respeito à diversidade cultural, às diferentes civilizações e ao diferente.

Por meio da pesquisa bibliográfica serão demonstradas as transformações de uma Educação Humanista do Renascimento até contemporaneidade. Primeiramente, são apresentados os fundamentos do Humanismo Clássico no Renascimento. Em seguida, serão apresentados os fundamentos da Educação Humanista com ênfase na pedagogia de Rabelais (1992) e na formação do homem versátil. Por fim, serão verificados os valores agregados ao Humanismo ao longo do tempo como a formação da autonomia, proposta por Kant (2012), e a dimensão ética solidária apresentada pelo relatório Delors (1992). Esses valores não alteram a proposta do Humanismo original. Eles amplificam o sentido da Educação Humanista e o adaptam de acordo com a realidade. Este texto procura reforçar a ideia de que há uma continuidade do projeto Humanista Renascentista aos tempos atuais e que ele não serve apenas como inspiração, mas modela a formação completa do sujeito.

## **1. O HUMANISMO FILOSÓFICO NO RENASCIMENTO**

As histórias da Filosofia Tradicional não reconheciam no Renascimento, e no Humanismo desenvolvido nele, sua grande importância histórica. Mas, é nesse período que estão as transformações geradas pela técnica científica que impactarão as teorias pedagógicas do período. Elas incluíam nos currículos o desenvolvimento de atividades práticas de produção.

O Humanismo foi um movimento intelectual, de reação contra a Escolástica, presente no Renascimento. Para Marcondes (2007), o Renascimento foi um período histórico relacionado aos séculos XV e XVI. Caracterizado por ser uma manifestação cultural, política e filosófica que marca o final da Idade Média e o início da Idade Moderna e, principalmente, pela retomada dos valores gregos na arte, na filosofia e na formação humana. O Humanismo é o fundamento filosófico do Renascimento caracterizado pela confiança na razão e na força do espírito crítico.

A história da filosofia contada pelo filósofo inglês Bertrand Russel (2015) é um exemplo que considera o Renascimento apenas como um período de transição. Russel (2015) destaca

que nesse período o desenvolvimento da ciência ainda era tímido, mas influente para o século XVII.<sup>4</sup>

A análise do período por Russel (2015) é, principalmente, uma historiografia dos acontecimentos políticos e não de desenvolvimento filosófico. O autor descreve fatos políticos nos territórios que posteriormente constituiriam a Itália, como a corrupção do papado na disputa pelo poder. Ainda ressalta que os italianos do Renascimento:

não nutriram apreço pela ciência, ao contrário dos inovadores mais importantes que tivemos desde o século XVII; a essa carência associou-se uma libertação deveras parcial da superstição (...). Para compreendermos o Renascimento, devemos antes nos voltar para a situação política da Itália. (RUSSEL, 2015, posição 161).

A tendência de descrever o Renascimento apenas como um período de transição tem mudado. O período do Renascimento revela o desenvolvimento de uma filosofia própria. O termo Humanismo designa, do ponto de vista filosófico, a doutrina que situa o homem no centro de sua própria reflexão e representa toda a formação sólida da cultura clássica, chamada de humanidades (JAPIASSÚ; MARCONDES, 1996).

O lema do filósofo grego da sofística Protágoras é: "O homem é a medida de todas as coisas" representa a ruptura da visão de mundo teocêntrica e a ascensão do interesse no homem, na razão e em sua capacidade crítica. O Humanismo faz do homem o seu valor supremo. A ruptura com a Escolástica é caracterizada pela queda da influência de Aristóteles, filósofo símbolo do período escolástico, e a retomada do platonismo (MARCONDES, 2007; REALE, ANTESERI, 2004; RUSSEL, 2015). Essa ruptura é a marca da educação e das teorias pedagógicas pertencentes ao Renascimento (GAUTHIER; TARDIF, 2013).

A síntese dos valores do Humanismo são o laicismo, o livre arbítrio e o antropocentrismo. A postura do homem do Renascimento é não ser submetido ao Clero, decidir e escolher em função da própria vontade, isenta de qualquer condicionamento, motivo ou causa religiosa determinante, colocando a própria vontade humana acima das situações.

O novo olhar sobre o Humanismo e o Renascimento é apresentado também por Gauthier e Tardif (2013). Os autores reforçam a ideia de que a formação do homem no Renascimento

---

<sup>4</sup> A revolução científica moderna tem seu ponto de partida na obra de Nicolau Copérnico, "Sobre a revolução dos orbes celestes" publicada em 1543. Nesta obra, a linguagem matemática é utilizada para, por meio de cálculos dos movimentos dos corpos celestes, demonstrar um modelo de cosmo em que o Sol é o centro (sistema heliocêntrico), e a Terra apenas mais um astro girando em torno dele.

rompe com a inspiração divina ao estabelecer por si suas regras de conduta. Também traçam uma trajetória de ideias e práticas pedagógicas do período e destacam o desenvolvimento da ciência e da técnica como uma das chaves do pensamento Humanista Renascentista.

A ênfase dada para a ciência e para a inovação técnica é o fundamento para o desenvolvimento de um novo homem com poder sobre a natureza e sobre as crenças. O poder da técnica no Renascimento promoveu o desenvolvimento da infraestrutura das cidades e as transformações urbanísticas, possibilitou o domínio do homem sobre a natureza do corpo, o conhecimento das funções dos sistemas orgânicos, a posição dos músculos e a geração de estudos anatômicos fomentando o aperfeiçoamento de instrumentos náuticos, bélicos e tipográficos (GAUTHIER; TARDIF, 2013).

Para Gauthier e Tardif (2013, p. 83), esse período gerou “grandes experiências de descentramento”. Os eventos históricos desse período<sup>5</sup> foram responsáveis pelas mudanças de visões de mundo e transformações científicas, urbanísticas, econômicas e sociais. “Pela ciência e pela técnica, a grande Ideia de Progresso, tão estreitamente ligada a civilização europeia, toma conta das mentes.”.

Russel (2015) vê a ciência desenvolvida no Renascimento apenas como uma estrutura paradigmática que provocou a virada na teoria Geocentrista defendida pela Igreja da época. O filósofo inglês descreve a ciência do Renascimento pelo aspecto teórico. Por isso, entende que o desenvolvimento científico do período foi tímido. Diferentemente, há o entendimento de Gauthier e Tardif (2013). Eles compreendem e analisam a ciência do Renascimento como técnica. Dessa forma podem identificar os produtos e as transformações gerados por ela.

A concepção de ciência como técnica implica teorias pedagógicas idealizadas na época. A valorização das artes, entendida como conjunto de meios e procedimentos práticos para a produção de objetos, ou seja, como técnica, fizeram parte dos currículos escolares idealizados na Educação Humanista do Renascimento. A arte da sapataria, da ourivesaria e as artes plásticas são habilidades e conteúdos desenvolvidos na Educação Humanista do período.

---

<sup>5</sup> As grandes navegações e a “descoberta de um novo mundo” (século XV - 1492), a invenção da prensa de tipos móveis por Joannes Gutenberg (por volta da década de 1430), a Reforma Protestante, desencadeada por Martinho Lutero (1517 ano da divulgação das teses) e a tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos no ano de 1453.

## **2. A FORMAÇÃO DO SUJEITO NA EDUCAÇÃO HUMANISTA**

O ideal de Educação Humanista é a formação do homem prático, versátil e eclético. Leonardo da Vinci é a síntese dessa formação caracterizada pelo domínio da técnica, das letras e da percepção estética. Rodrigues (2011) ressalta que a Educação Humanista modela um perfil de homem multifacetado, capaz de dominar as artes, ou seja, as técnicas, como as plásticas, o comércio, a navegação, as letras e o discurso.

A versatilidade do homem é o reflexo de uma educação que pretende reunir, em um programa de formação, os saberes produzidos pelo homem ao longo do tempo. É essa versatilidade construída entre a formação intelectual e a formação prática que liga a formação humanística histórica com a contemporânea.

Gauthier e Tardif (2013) apresentam características gerais da Educação Humanista do Renascimento. Os autores ressaltam que por meio da educação é possível modelar o humano e simultaneamente construir uma consciência de época atenta ao próprio contexto.<sup>6</sup>

A Educação Humanista é caracterizada pela ruptura do modelo de Educação Escolástica. A velha educação é marcada pela memorização, pela despreocupação com a educação infantil, pela aspereza no relacionamento entre o professor e aluno e pelas regras que limitam as potencialidades dos alunos (GAUTHIER; TARDIF, 2013).

A relação de proximidade entre professor e aluno é uma marca do Humanismo pedagógico. Caracterizado pela preocupação com a educação das crianças, pela formação dos jovens e pela formação direcionada para a construção do bom orador, sem reduzi-lo a uma técnica retórica, mas vendo-o como um sujeito pleno que domina o poder das palavras e por meio delas ensina, agrada e comove (GAUTHIER; TARDIF, 2013).

O currículo da Educação Humanista é caracterizado pelo ensino das letras clássicas, como na Educação Medieval. Porém, inova ao incluir atividades ao ar livre como práticas esportivas, jogos coletivos e atividades de caráter prático que envolvem a produção de objetos. A pedagogia de François Rabelais (1992) é um exemplo da Educação Humanista<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Apesar de toda inovação, a educação humanista reproduz os mesmos valores obsoletos do modelo anterior quando se refere a educação das meninas, das moças e mulheres. O Humanismo modela o humano, mas a penas o homem e reforça a desigualdade de gênero e a desigualdade econômica, já que este modelo de educação é direcionado, como descrevem os autores, à algumas “jovens das famílias nobres, (...) só algumas mulheres possuem uma erudição excepcional, talentos notáveis” (GAUTHIER; TARDIF, 2013, p. 87).

<sup>7</sup> O filósofo Bertrand Russel (2015) descreve a produção de Erasmo de Roterdã e sua influência sobre o Humanismo inglês, principalmente, no campo da educação nas escolas públicas da Inglaterra caracterizada pela “formação profunda no grego e no latim que envolvia não somente a tradução, mas também a redação em verso e

**A Educação Humanista na pedagogia de François Rabelais**

Na pedagogia elaborada por Rabelais (1992) há a característica de uma educação plural. Crítico da Educação Escolástica, promove o ensino com reflexão e inteligência prática. No livro “Gargantua” (1992), publicado originalmente em 1534, ridiculariza a inútil Educação Escolástica e prega uma composição entre as aulas e as leituras, entre as observações científicas e os exercícios físicos.

O pensamento pedagógico de Rabelais é apresentado, no livro “Gargantua” (1992), sob a forma de texto humorístico e crítico. O livro é a biografia do personagem Gargantua, filho de Grandgousier e Gargamelle, uma família de gigantes. Gargantua receberá instrução de vários preceptores. É na figura dos personagens preceptores que está a crítica ao Ensino Medieval Escolástico e a apresentação de uma Educação Humanística.

Uma das críticas aponta que o Ensino Escolástico, identificado no personagem Tubal Holofernes, doutor em Teologia e primeiro preceptor de Gargantua, não se preocupava com as necessidades pedagógicas de seu aluno. Tubal “lhe ensinou o alfabeto, muito embora ele [Gargantua] o dissesse de cor detrás para a frente. E nisso levou Gargantua 5 anos e 3 meses” (RABELAIS, 1992, p. 75). Essa passagem demonstra que o ensino medieval não considera o saber prévio que o estudante dispõe. Além do mais, a passagem revela o tempo gasto com um conteúdo inútil para as necessidades dos alunos.

Com a morte de seu primeiro preceptor, outro é chamado para continuar as instruções. O mestre Jobelin Bridé também promoveu a leitura dos antigos. Mas, esse é um ponto de crítica de Rabelais (1992), o excesso de leitura inútil e pouca atividade prática.

Seu pai percebeu, então, que de fato ele estudava muito e empregava nisso todo o tempo, mas não aproveitava nada e, o que é pior, estava ficando idiota, palerma, distraído e bobo. (...) era preferível não aprender nada a estudar aqueles livros com tais preceptores. (RABELAIS, 1992, p. 77).

O ensino ministrado pelos preceptores de Gargantua não dava condições para o desenvolvimento das habilidades de orador. As habilidades de falar em público e de convencer os interlocutores por meio de um discurso encantador é uma das características da Educação

---

prosa.” (RUSSEL, 2015, posição 558). Diferente de outros humanistas, a ciência e a técnica, valorizadas no período, era rejeitada pelo religioso considerada “como indigna da atenção de um cavalheiro ou teólogo.”

Humanista no Renascimento. Rabelais (1992) descreve a passagem do jovem Eudemão com eloquência e “linguagem tão bela e tão latina, que lembrava mais um Graco, um Cícero ou um Emílio da antiguidade do que um rapazinho deste século” (RABELAIS, 1992, p. 77).<sup>8</sup>

A Educação Humanista é apresentada no personagem Ponócrates, o novo preceptor de Gargantua. De início, a metodologia de Ponócrates promove a retirada de “toda a alteração e perverso hábito do cérebro” (RABELAIS, 1992, p. 102). Isso era necessário para limpar Gargantua de todo vício da educação recebida anteriormente e para esquecer tudo que aprendera. Para isso introduz o contato com a literatura da época, já que a literatura promovida pelos antigos preceptores era obsoleta.

Gargantua aproveita toda a “hora do dia, gastando todo o tempo com a literatura e o saber honesto” (RABELAIS, 1992, p. 102). Esse *carpe diem* de Gargantua envolve acordar cedo; a leitura em voz alta com pronúncia adequada; a observação do céu e dos corpos celestes tanto no início da manhã como no início da noite; a revisão dos exercícios do dia anterior; o divertimento nas atividades em ambientes abertos; e a prática de exercícios físicos, já que a leitura tinha proporcionado o exercício para a alma. A ênfase era dada para as artes da cavalaria, como uma das atividades práticas e para os exercícios musicais. Fazia as necessidades fisiológicas com regularidade.<sup>9</sup>

A combinação de atividades intelectuais com as atividades práticas é uma marca da Educação Humanística. Desde a leitura, as atividades ao ar livre e o desenvolvimento das artes, como a técnica de utilização do machado, os jogos de baralhos para estimular o conhecimento matemático e a música são pensados para fortalecer o espírito do novo homem. Esse é o homem

---

<sup>8</sup> A forma com que Rabelais descreve o papel da universidade também é digna de nota. Em primeiro lugar, é na universidade que se “forjam os tumultos e revoltas”, lugar de reuniões do povo “alucinado e impaciente” (RABELAIS, 1992, p. 83). O texto é carregado de ironias e acidez nas palavras, portanto, a leitura deve ser cuidadosa. Neste caso, a descrição da universidade feita pelo autor é a extensão da crítica ao modelo de educação medieval, já que a universidade nesse contexto é palco de debates intelectuais e não da formação política. Em segundo lugar, a universidade é o local dos teólogos carregados de prepotência e de arrogância. Rabelais (1992), refere-se ao personagem Mestre Janotus, que irá convencer Gargantua a devolver os sinos retirados da igreja de *Notre Dame* em Paris. Ele é descrito “com cabelo teologal, o estômago bem esterilizado com marmelada e água-benta de adega” (RABELAIS, 1992, p. 83). Soma-se ainda, a crítica aos discursos carregados de latim e cheio de floreios. Para pedir para Gargantua a devolução dos sinos da cidade, Mestre Janotus produz um discurso solenemente latinizado para um pedido tão simples que faz rir a plateia.

<sup>9</sup> Um aspecto chama a atenção para o ensino proposto pelo novo preceptor, a memorização das leituras e lições. Essa habilidade cognitiva é também característica do ensino escolástico, mas que não é rejeitada por Rabelais. Se as lições de leitura são os exercícios para a alma, as práticas de memorização e recitação da lição memorizada também fortalecem o espírito. A atividade de recitar o que foi memorizado é praticada sempre em momentos de espera ou de transição de uma atividade para a outra. “Enquanto esperavam, recitavam, com clareza e eloquência, algumas sentenças da lição que tinham guardado de memória” (RABELAIS, 1992, p. 103).

polivalente, ao mesmo tempo prático e intelectualizado, conhecedor das letras e das atividades cotidianas, preocupado em fortalecer a alma e o corpo.

O personagem Gargantua representa uma educação para a formação do homem completo que abrange a valorização do conhecimento enciclopédico, a formação intelectual e o conhecimento de toda a ciência e de toda a técnica produzida. Ao longo do tempo, esses valores da formação humana serão agregados a outros como a formação da autonomia, o senso crítico e o reconhecimento do outro.

### **3. NOVO HUMANISMO NA EDUCAÇÃO**

O Humanismo atravessa o tempo e a sua herança é conectada a Kant (1724-1804). Nas primeiras linhas do texto, “Resposta à Questão: O que é Esclarecimento?” (2012), há uma descrição paralela aos valores do Humanismo:

O Esclarecimento é a libertação do homem de sua imaturidade autoimposta. Imaturidade é a incapacidade de empregar seu próprio entendimento sem a orientação de outro. Tal tutela é autoimposta quando sua causa não reside em falta de razão, mas de determinação e coragem para usá-lo sem a direção de outro. *Sapere Aude!* Tenha coragem de usar sua própria mente (*Verstandes!*)! Este é o lema do Esclarecimento. (KANT, 2012, p. 145).

O trecho revela que o homem é o responsável por sua imaturidade ou menoridade, por sua incapacidade de fazer uso do próprio entendimento. As causas da menoridade são o comodismo, a preguiça e a covardia. O comodismo que evita assumir as responsabilidades e as dificuldades. A preguiça manifestada na falta de empenho, morosidade e lentidão. A covardia como um comportamento que denota falta de ousadia. Esses são os condicionantes que o aprisionam o homem em sua menoridade.

Para a emancipação é necessária a ousadia de saber, de buscar o crescimento por meio da própria vontade, já que o sujeito é o responsável por gerar sua própria natureza.

A autonomia é o fundamento para a emancipação. A autodeterminação, a projeção de objetivos para conduzir a própria vida e o direcionamento dado por si a partir de uma vontade livre e racional são posturas esperadas de quem atingiu a maioridade. A ousadia de quem pretende caminhar com as próprias pernas e experimentar o mundo mesmo correndo riscos, calculados racionalmente, projetam a vontade ao futuro.

O Humanismo Clássico, que exalta a autonomia humana diante da autoridade do Divino, ecoa no Iluminismo de Kant (2012). Nessa nova versão do Humanismo estão presentes a autonomia, o senso crítico e a autocrítica. Para o Iluminismo, Esclarecimento na versão kantiana, a crítica e a autocrítica são pilares para a autonomia moral. Configuram a liberdade de conduzir a si mesmo sem a dependência de outro. A liberdade é o caminho do esclarecimento, da maioridade. “Mas, há maior possibilidade que um público se esclareça pois, se lhe for dada liberdade, o esclarecimento é quase certo” (KANT, 2012, p. 146).

De forma lenta, gradual e a partir de um processo de educação, de estudo, o sujeito pode fazer “uso público da razão” se, como cidadão, “expõe publicamente suas ideias contra a inconveniência ou a injustiça dessas imposições” (KANT, 2012, p. 148).

Contrário à toda a autoridade, que não esteja realmente legitimada pela justificativa racional, mantida pela força, ameaça, coação ou superstição, está é a forma do Humanismo em Kant. O Humanismo é a manifestação do pensamento autônomo não tutelado capaz de fazer uso público da razão e de produzir, por meio dela, o senso crítico.

A construção da autonomia é uma das características presentes na Educação Humanista na contemporaneidade. O relatório Delors (1996) expõe essa necessidade como via para o “aprender a ser”. Agregada ao espírito criativo e a formação do princípio de alteridade, a formação para a autonomia é um dos pilares da formação humanista.

### **O novo Humanismo na educação: crítica a um projeto em andamento**

A Educação Humanista contemporânea visa o desenvolvimento integral do ser humano. Como sujeito capaz de produzir a si mesmo no mundo por meio do diálogo com o outro, responsável por suas ações e pela própria história, consciente de si e em constante diálogo com o outro. Para Rodrigues (2011) a Educação Humanista retomada pelo documento da UNESCO, o relatório Delors (1996), tem aproximações com o Humanismo Clássico. Para Mira, Fossati e Jung (2019), o novo Humanismo na educação é um projeto em construção, longe do fim.

Este trabalho reforça a ideia de que o projeto da Educação Humanista, mesmo em andamento, está alinhado aos valores tradicionais do Humanismo Clássico conforme agrega valores como a autonomia, o senso crítico e o reconhecimento do outro.

A UNESCO, em relatório produzido por Jacques Delors (1996), fundamenta a Educação Contemporânea com a concepção de um novo Humanismo:

A educação tem, pois, uma especial responsabilidade na edificação de um mundo mais solidário, e a Comissão pensa que as políticas de educação devem deixar transparecer, de modo bem claro, essa responsabilidade. É, de algum modo, um novo Humanismo que a educação deve ajudar a nascer, com um componente ético essencial, e um grande espaço dedicado ao conhecimento das culturas e dos valores espirituais das diferentes civilizações e ao respeito pelos mesmos para contrabalançar uma globalização em que apenas se observam aspectos econômicos ou tecnicistas (DELORS, 1996, p. 49).

O Humanismo tratado no relatório é o da concepção de solidariedade. No relatório (1996), o conceito de solidariedade tem várias significações, mas todas são reduzidas na ideia de união entre as pessoas: “a solidariedade que une” (1996, p. 15); da união entre os países para formar uma “solidariedade internacional” (1996, p. 46); a solidariedade que se manifesta para se “compreender a si mesmo e ao outro” (1996, p. 47); a “solidariedade, na aceitação das nossas diferenças espirituais e culturais” (1996, p. 50).

O relatório (1996), em suma, apresenta a Educação Contemporânea com o papel de promover o respeito à diversidade e aos diferentes para a promoção de uma solidariedade entre as pessoas e as nações. Esta característica agrega um novo rumo do Humanismo na educação do século XXI, revestido do princípio de alteridade e solidariedade. Além do mais, o relatório (1996) traz outra característica, a dimensão ética do conhecimento de si e do outro. A educação cria condições para “compreender melhor o outro, compreender melhor o mundo” (DELORS, 1996, p. 19); ela deve “preparar cada indivíduo para compreender a si mesmo e ao outro, através de um melhor conhecimento do mundo” (DELORS, 1996, p. 47).

A dimensão ética do conhecimento de si e do outro é tratada nos pilares educacionais: do “aprender a conhecer”, “aprender a fazer”, “aprender a ser” e do “aprender a viver juntos”. A partir deles reconhece a conexão com o Humanismo Tradicional, ora pela valorização da cultura generalista, ora para inteligência prática.

De fato, o mesmo traço humanista não é reconhecido no pilar “aprender a fazer”, já que, grosso modo, propõe uma aprendizagem de colocar em prática os conhecimentos aprendidos. Embora, não se resumo a execução de tarefas predeterminadas ou rotineiras, ressalta a importância dada a competências como de comando, de concepções ou de organização capazes de dar conta de um universo de trabalho incerto, tecnológico e desmaterializado. O aprender a

fazer reforça a relação do sujeito com o seu produto, resultado de uma operação intelectual sobre algo no mundo das coisas.

O pilar aprender a conhecer ressalta a formação da cultura generalista capaz de dar conta, com profundidade, das transformações da realidade e da multiplicidade das informações e despreza a formação especializada incapaz de reconhecer diferentes discursos e de se comunicar com o outro. “Fechado na sua própria ciência, o especialista corre o risco de se desinteressar pelo que fazem os outros” (DELORS, 1996, p. 91). É possível identificar nela que a formação integral da pessoa está a serviço da manutenção da boa relação com os outros. O conhecimento adquirido, principalmente no ambiente do meio escolar, além de reforçar a cultura geral permite compreender melhor a relação com o outro.

O aprender a ser é a dimensão tratada desde o relatório Faure (1972) e que é retomada no relatório Delors (1996). Representa a conexão entre o novo Humanismo com o Humanismo representado pelo Iluminismo de Immanuel Kant (2012). O desenvolvimento da autonomia, do discernimento e a responsabilidade pessoal são os elementos dessa conexão. A Educação Contemporânea, a partir da dimensão do aprender a ser prepara o sujeito para “elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida” (DELORS, 1996, p. 47). A importância de pensar de forma autônoma, de libertar-se da “menoridade”, do ponto de vista kantiano, é o propósito da Educação Humanista para o século XXI.

O aprender a ser ultrapassa a formação da autonomia e do despertar do espírito crítico. Promove o retorno do espírito criativo e da experimentação, e retoma o que de mais alto valor existia na formação Humanística Tradicional, o despertar para a produção artística. “Na escola, a arte e a poesia deveriam ocupar um lugar mais importante do que aquele que lhes é concedido, em muitos países, por um ensino tornado mais utilitarista do que cultural” (DELORS, 1996, p. 100).

A dimensão do aprender a ser envolve a formação da autonomia, o despertar do espírito crítico e a retomada do espírito criativo. Esses elementos são pontos de conexão entre o Humanismo Tradicional, o Renascimento e o Iluminismo kantiano com o novo Humanismo desenhado pelos documentos da UNESCO (1972; 1996).

Mas, a nova Educação Humanista promovida pela UNESCO não resume o aprender a ser na formação do sujeito solipsista. A compreensão de si mesmo por meio do fortalecimento da autonomia e do espírito crítico só tem sentido a partir da relação com o outro. Esse aspecto relacional é o fundamento da dimensão do aprender a viver juntos.

Esse outro pilar da Educação Contemporânea, o aprender a viver juntos, impulsiona a educação para a missão de “levar as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta” (DELORS, 1996, p. 97). O aprender a viver juntos envolve a descoberta do outro, colocar-se no lugar do outro, reconhecer outros grupos étnicos e outras religiões, construir projetos e objetivos comuns, principalmente, para o conhecimento de si mesmo como pessoa inserida dentro de um contexto histórico, dentro uma situação relacional e responsável pelo próprio destino. Conhecer a si mesmo por meio da situação relacional com o outro é o novo valor do Humanismo Educacional no século XXI.

Rodrigues (2011) procurou compreender as conexões entre o novo Humanismo da educação e o velho Humanismo renascentista, além de examinar o significado de ser humanista hoje. Ao levantar essas preocupações admite, de fato, que a educação projetada por organismos internacionais como a UNESCO nos relatórios “Aprender a ser” (1972) e “Educação um tesouro a descobrir” (1996), resgata valores do Humanismo Renascentista de forma ressignificada.

Há, a nosso ver, apropriações de inúmeros elementos desse movimento histórico que goza de profunda simpatia e até nostalgia na historiografia em geral. Contudo, a apropriação de muitos desses elementos não se dá sem prejuízo de sentidos. Ela exerce um papel importante de mecanismo persuasivo e coesivo na formulação de um tipo de sujeito histórico apropriado, amalgamado para este mundo atual tido como “multirriscos” (RODRIGUES, p. 2011, p. 131).

A advertência levantada pela autora aponta a ressignificação do conceito de Humanismo nos documentos da UNESCO. O conceito serve de argumento histórico que justifica a emergência de mudanças na educação atual.

Mas, é em Rodrigues (2011) que há uma conexão entre o velho e o novo Humanismo por meio da formação científica. A formação científica é aspecto essencial para a nova Educação Humanista. O ensino de ciências direcionado para a investigação e para a solução de problemas que impactam o meio ambiente, as relações humanas e as condições de trabalho.

Essa concepção retoma a noção de homem prático preconizada pelo Humanismo histórico. De um lado, há o ensino que valoriza a aplicação na geração de tecnologias que

auxiliam a superação de adversidades. De outro, há a formação do homem prático que utiliza ferramentas e tecnologias adequadas para a transformação do real. Essa nova educação construída com a ciência e a tecnologia forma o homem prático e objetivo (RODRIGUES, p. 2011).

Mira, Fossati e Jung (2019) analisam, para verificar a continuidade de uma Educação Humanista na atualidade, a convergência entre 3 documentos: o Plano Nacional de Educação (Lei n.º 13.005, 2014), mais precisamente as diretrizes III e X, o relatório da UNESCO “Educação: um tesouro a descobrir”, também intitulado Relatório Delors (DELORS, 1996) e o texto, também da UNESCO, “Repensar a educação: rumo a um bem comum mundial?” (UNESCO, 2016).

A intenção é mostrar as “possíveis interfaces entre a proposta humanista de educação da UNESCO e as diretrizes do Plano Nacional de Educação” (MIRA; FOSSATI; JUNG, 2019, p. 2). A realização da Educação Humanista acontece no ambiente da educação formal, dentro do espaço escolar. Ela é responsável por criar condições para que a criança e o jovem se desenvolvam. Contudo, é um projeto em realização, pois a educação brasileira não atingiu o desenvolvimento pleno dos 4 pilares propostos pelo relatório Delors (1996).

Geralmente, a educação tem se concentrado em dois desses pilares: aprender a conhecer e aprender a fazer. Talvez, os pilares de relevância a uma educação que valoriza o processo humanizador fique relegado, na maioria das vezes, somente às teorias da educação e aos discursos no contexto das escolas (MIRA; FOSSATI; JUNG, 2019, p. 6).

Para Mira, Fossati e Jung (2019), os pilares relevantes para uma Educação Humanista são o aprender a ser e o aprender a viver juntos. Mas, para o desenvolvimento de Educação Humanista e para a formação integral do educando será necessária a promoção de políticas públicas educacionais que visam uma educação menos tecnicista e mais voltada para a formação plena do sujeito.

Se o espaço escolar, ao realizar plenamente os pilares educacionais para uma formação humanizadora, forma o sujeito pleno, então ao desenvolver parcialmente o projeto de formação humanista promove uma educação desumanizadora conforme se volta para atender as necessidades do mercado, para a geração da força de trabalho e para o desenvolvimento da aceitação e do conformismo. A Educação Contemporânea ainda caminha para suportar seus pilares.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho reforça a ideia de que o projeto da Educação Humanista, mesmo em andamento, está alinhado aos valores tradicionais do Humanismo Clássico conforme promove uma formação integral e versátil da pessoa baseada no desenvolvimento intelectual e prático, no desenvolvimento da autonomia e respeitando o diferente.

A Educação Humanista, originária no Renascimento, enfatiza o desenvolvimento da ciência e a inovação técnica como fundamento para o desenvolvimento de um novo homem capaz de transformar seu meio e sobrepujar suas crenças. O currículo da Educação Humanista é caracterizado pelo ensino das letras clássicas, da prática de atividades ao ar livre, práticas esportivas, jogos coletivos e atividades de caráter prático que envolvem a produção de objetos. A pedagogia de François Rabelais (1992) é um exemplo da Educação Humanista

A combinação de atividades intelectuais com as atividades práticas é uma marca da Educação Humanística. Ela forma o homem polivalente e ao mesmo tempo prático e intelectualizado, conhecedor das letras e das atividades cotidianas, preocupado em fortalecer a alma e o corpo.

Outra característica da Educação Humanística é a formação de um sujeito ousado, no sentido kantiano, capaz de pensar em seu lugar e em suas condições no mundo. Um sujeito que busca o crescimento por meio da própria vontade, já que o sujeito é o responsável por gerar sua própria natureza. É a formação do sujeito autônomo que projeta objetivos para conduzir a própria vida com a ousadia de quem pretende caminhar sozinho e experimentar o mundo.

O desenvolvimento da autonomia, do discernimento e da responsabilidade pessoal são os elementos da conexão entre o Humanismo Clássico e a nova Educação Humanista materializada no relatório Delors (1996). A Educação Contemporânea, desenhada pelo relatório (1996), reforça a importância de pensar de forma autônoma e de libertar-se da “menoridade”, do ponto de vista kantiano, como os propósitos da Educação Humanista para o século XXI.

O fortalecimento do agir autônomo gera a necessidade de agir com e para o outro. O fortalecimento da autonomia e do espírito crítico só tem sentido a partir da relação com o outro. A dimensão ética do conhecimento de si e do outro é tratada nos pilares educacionais do aprender a conhecer, aprender a ser e do aprender a viver juntos.

A formação da autonomia, o despertar do espírito crítico, a retomada do espírito criativo, a construção da cultura generalista, a percepção do outro e o respeito às diferenças são pontos de conexão entre o Humanismo Tradicional, o Renascimento e o Iluminismo kantiano com o novo Humanismo desenhado pela UNESCO.

## **REFERÊNCIAS**

DELORS, J. (Org.). **Educação um tesouro a descobrir**: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

FAURE, F.; HERRERA, F.; KADDOURA, A.-R.; LOPES, H.; PETROVSKI, A.V.; RAHNEMA, M.; WARD, F.C. **Aprender a ser**: la educación del futuro. Madrid: Alianza Editorial, 1972.

GAUTHIER, C.; TARDIF, M. **A Pedagogia: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias**. 2. ed. Trad. Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KANT, I. Resposta à Questão: O que é Esclarecimento? Trad. Márcio Pugliesi. **Cognitio**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 145-154, jan./jun. 2012. Disponível em <<file:///C:/Users/osnil/Downloads/11661-27976-1-SM.pdf>> Acesso em: 30 mai 2021.

MARCONDES, D. **Iniciação à História da Filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 13. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. E-book.

MIRA, A. P.; FOSSATI, P.; JUNG, H. S. A concepção de Educação Humanista: interfaces entre a Unesco e o Plano Nacional de Educação. **Acta Scientiarum Educação**, vol. 41 (1), e35788, 2019.

RABELAIS, F. **Gargantua**. Trad. Aristides Lobo. Rio de Janeiro: Ediouro, 1992.

REALE, G.; ANTISERI, D. **História da filosofia**: do Humanismo a Descartes. v. 3. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004.

RODRIGUES, M. M. Um novo Humanismo na educação: significados e implicações. **Educação Unissinos**, 15: 124- 132, maio /agosto, 2011.

RUSSELL, B. **História da filosofia ocidental**. Livro 3: A filosofia moderna. Trad. Hugo Langone. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. E-book.

**Recebido em:** 12/01/2023  
**Aprovado em:** 30/03/2023